



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7265 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

Educar pela Agroecologia: Trabalho e produção frente aos desafios da organização camponesa na comunidade de resistência São Miguel, Itaiçaba-CE

André Pereira de Oliveira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

José Ernandi Mendes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

João Joel de Oliveira Neto - UECE - Universidade Estadual do Ceará

**EDUCAR PELA AGROECOLOGIA: TRABALHO E PRODUÇÃO FRENTE AOS  
DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO CAMPONESA NA COMUNIDADE DE RESISTÊNCIA  
SÃO MIGUEL, ITAIÇABA-CE**

## INTRODUÇÃO

É inegável que o modelo de produção agrícola adotado pelos grandes produtores não respeita os ecossistemas e mostra-se extremamente predatório, pondo em risco diversas espécies, inclusive, a espécie humana. Diferente do que é divulgado pela grande mídia, o agronegócio não é o maior responsável pela produção de alimentos e sim a agricultura familiar, que segundo o MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário (2015) responde por 70% da produção de alimentos que se encontram na mesa do consumidor brasileiro.

A agroecologia tem ganhado adeptos junto aos agricultores familiares, que perceberam a viabilidade e a aplicabilidade dessa ciência que vem se contrapor aos modelos convencionais de produção agrícola, baseado na monocultura, no uso de agrotóxicos e no manejo inadequado do solo. Esses sujeitos vêm construindo uma nova relação com a terra, onde a biodiversidade, a autorregulação e a sustentabilidade passaram a fazer parte não só do vocabulário, mas também, e principalmente, da prática de camponesas e camponeses em diferentes regiões do país.

O Assentamento São Miguel, localizado nos municípios de Itaiçaba (maior parte), Aracati e Jaguaruana, Estado do Ceará, inserido na microrregião geográfica de Litoral de Aracati, distando aproximadamente 12,50km. da região central da sede do município de Itaiçaba e 26,0km de Jaguaruana. O acesso é feito a partir do centro urbano de Itaiçaba, indo pela rodovia municipal que se destina ao vizinho município de Jaguaruana, percorridos 13,0km. chega-se ao distrito de Logradouro, sede do imóvel, passando pelos lugarejos de Boca do Forno, de Varzinha e de Barreira dos Vianas. O acesso é considerado bom, porque a

sua trafegabilidade é possível o ano inteiro.

O território possui uma área total de 1.647,94 hectares. A cobertura vegetal original está representada pela caatinga hiperxerófila, predominantemente arbustiva e pela caatinga hipoxerófila. Face à exploração da cajucultura e do melão e agropecuária desenvolvida ao longo dos anos, observa-se que parte da vegetação primitiva fora substituída por uma cobertura secundária, podendo se constatar a presença de plantios de cajueiros, áreas destocadas onde se cultivava melão e pasto de “capoeiras” na menor parte, às vezes densas e de porte médio, outras vezes ralas e arbustivas. Tais situações refletem a maior ou menor capacidade de regeneração das espécies e da potencialidade das terras. Entre as espécies que compõem a sua composição florística podemos citar: juazeiro (*Ziziphus joazeiro, Mart*); angico vermelho (*Piptadenia Macrocarpa, sp*); marmeleiro (*Cróton Sincorensis, sp*); sabiá (*Mimosa Caesalpinifolia, Benth*); pau-d’arco (*Tapebúia sp, Nicholson*); mufumbo (*Combretum Leprosom, Mart*); maniçoba (*Manihot Glaziovii*); aroeira (*Astronium Urundeuva, Engl.*); jurema preta (*Mimosa Acustipula, Benth.*); entre outras.

Historicamente a região detinha um bom potencial hídrico, porém com a incidência de longos períodos de estiagem, o avanço do agrohidronegócio e um claro processo de privatização do Rio Jaguaribe, a mesma enfrenta hoje enormes desafios quanto a produção agrícola, passando a depender quase que exclusivamente da quadra invernos para produção de alimentos e o armazenamento de água, seja em açudes, cisternas e poços artesianos. Tal realidade exige portanto, a reinvenção dos modos de vida e de produção.

A comunidade que resistiu durante 7 longos anos até obter o direito à terra que hoje habita, sabe da viabilidade da agroecologia e do potencial desta terra que é fruto de muita luta e imensuráveis sacrifícios. O processo de conscientização proporcionado pelo movimento durante esse período, permitiu às agricultoras e agricultores, perceber a importância do cuidado com a terra para garantir-lhes vida digna, consciência de classe, ambiental e social, inclusive para seus filhos e netos.

Todavia este processo de transformação requer uma formação diferenciada para os sujeitos que o conduz, pois diante do modelo de educação que temos, baseado na individualidade e na competição - uma vez que serve ao capitalismo - não é possível produzir resultados duradouros, por que o objetivo principal continuará sendo o lucro e não o bem estar das pessoas. Segundo Roseli Caldart, este processo formativo é *imprescindível ao avanço da agroecologia e das forças produtivas da agricultura, na direção de um desenvolvimento humano, igualitário e efetivamente sustentável.* (CALDART, 2017).

Naturalmente, todo processo de transformação entra em conflito com os interesses daqueles que se beneficiam com o modelo político, econômico e produtivo em vigência. Além disso, há que se considerar que mesmo entre aqueles que se dizem preocupados com as questões ambientais, as opiniões não são lineares, uma vez que defendem interesses econômicos individuais ou de grupos, e que acreditam ser possível conciliar o enriquecimento individual com a preservação da natureza, sem considerar a função social da terra que é gerar e preservar a vida, inclusive, a vida humana. Neste sentido, Enrique Leff diz que

O discurso do desenvolvimento sustentável não é homogêneo; vem marcado e diferenciado pelos interesses ambientais de diversos setores e atores sociais. Assim, o processo educacional transmitirá e difundirá os princípios e valores das diferentes visões e propostas para alcançar a sustentabilidade. a educação ambiental implica um processo de conscientização sobre os processos socioambientais emergentes, que mobilizam a participação dos cidadãos na tomada de decisões, junto com a transformação dos métodos de pesquisa e formação, a partir de uma ótica holística e enfoques interdisciplinares. Porém, a institucionalização da educação ambiental - da educação *tout court* - estar levando a readaptar as consciências, atitudes e capacidades em função do

Portanto a superação deste modelo predatório e classista passa inevitavelmente pelo *questionamento do edifício do conhecimento e do sistema educacional* (LEFF, 2015, p. 256). Sem uma educação verdadeiramente libertadora, qualquer iniciativa será colonizada por algum dos inúmeros mecanismos de dominação e manutenção de que dispõe as classes dominantes. Nas palavras de Paulo Freire, *não pode a ação de sua libertação usar o mesmo procedimento empregado para sua deformação* (FREIRE, 2018, p. 74).

## DESENVOLVIMENTO

A priori, adotar-se-á a compreensão de uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, variação esta, estabelecida com o intuito de aderir a uma postura flexível perante o trato com as fontes, visando, com isto, estabelecer uma compreensão mais aprofundada acerca do grupo social investigado (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009).

Posto isto, a postura inicial adotada será de caráter *exploratória*, onde se prioriza a busca pelo aprofundamento do problema, levantando indagações acerca deste. Nesta fase, se buscará fazer um levantamento bibliográfico, bem como realizar entrevistas com os sujeitos da comunidade (GIL, 2007).

A partir disso, e seguindo a linha da pesquisa bibliográfica, é de singular importância a realização de uma pesquisa documental, onde se intenta reunir dados a partir de gráficos, tabelas, relatórios oficiais, vídeos, fotografias, etc. (FONSECA, 2002). O foco principal desta pesquisa documental é perceber como, no campo discursivo, se materializam as questões concretas, os embates e os conflitos que cerceiam a problemática em questão.

Em relação ao trato com as fontes, há dois agrupamentos; os de origem oral e os de origem documental. Para o uso de fontes orais, o aporte teórico desta pesquisa ancora-se nos pressupostos indicados por Portelli, uma vez que estas possibilitam lançar luz por sobre eventos desconhecidos, ou mesmo apresentando ideias que se contraponham às hegemônicas (PORTELLI, 1997).

Tendo em mente o caráter histórico e dialético das relações sociais, além de suas especificidades culturais, há sempre que se considerar a necessidade de adequação do método diante da realidade a ser investigada, pois uma abordagem inadequada poderá produzir informações que não representam essa realidade. Nesse sentido, Minayo alerta que

[...] o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. (MINAYO, 1994)

Dessa forma, é necessário considerar o aspecto indispensável do planejamento, mas é também primordial não permitir que este engesse as ações do pesquisador, impedindo-o de explorar situações novas e ricas que surgem no decorrer do processo por não fazerem parte do itinerário definido solitariamente sob a luz da luminária e o silêncio do quarto. Neste sentido, Linda Gondim nos diz que *o pesquisador “produz” seus dados e lança mão de técnicas de acordo com circunstâncias que não podem ser rigidamente definidas antes de iniciar-se a investigação* (GONDIM, 2002).

Esse é um dos aspectos fundamentais do materialismo histórico-dialético que é não se

deixar aprisionar em manuais e “modos de fazer”, e nem poderia, devido ao caráter mutável da realidade. Assim sendo, as páginas de um trabalho de pesquisa dialética jamais poderão refletir a totalidade da realidade observada. Nas palavras de Luiz Carlos de Freitas,

[...] a pesquisa dialética é mais fácil de ser vista em ação e não na estética das páginas dos relatórios de apresentação da pesquisa onde a formalização obriga ao rompimento dos múltiplos laços existentes na realidade e, não raramente, se limita ao que deu certo. [...] Pesquisar pelo método materialista histórico-dialético assemelha-se mais à atividade do pintor. Não há um início e um fim na pintura. Não há uma maneira certa e definitiva de criar uma pintura. Ela vai ficando pronta a partir da atividade do pintor em vários pontos da tela. Até que emerge por completo com todas as suas relações. (FREITAS, 2007, págs. 47-48).

Sendo as contradições inerentes à realidade, e reconhecendo os limites que tal aspecto impõe ao pesquisador ao tentar capturá-la, faz-se necessário reconhecer a importância dos recortes dessa realidade para se entender a sua dinâmica. Por isso, *a pesquisa é sempre um campo aberto. Não porque a realidade seja errática, mas pelos limites do pesquisador para apreender o real, por um lado, e pela própria dinâmica da realidade, por outro, sua historicidade.* (FREITAS, 2007, p. 48).

É preciso, assim pois, ter em mente que quando se pretende transformar a realidade, estar-se-á sempre sujeito às tentativas de boicote das forças conservadoras que se beneficiam com essa realidade e que portanto jamais estarão dispostos a abrir mão dos privilégios acumulados historicamente com modelos de produção baseados na exploração da força de trabalho e na estratificação da classe trabalhadora.

A educação da classe trabalhadora é portanto fundamental para que esta liberte-se da opressão daqueles que têm historicamente impedido todas as tentativas de efetivação de um projeto de educação que possibilite a esta classe a compreensão do papel fundamental que tem na produção de riquezas e do direito universal de usufruir daquilo que produz. Mas que fundamentalmente a conscientize do papel social que ocupa, como condição indispensável para vencer o individualismo característico do opressor.

Os desafios são muitos, pois diante dos impactos do modo capitalista de produção, a preservação ambiental tornou-se urgente, pois configura-se como condição à conservação da vida, inclusive da espécie humana. São diversas as experiências que indicam o caminho para a superação do modelo de produção agrícola que nos levou a atual crise ambiental, e igualmente numerosas as tentativas de apropriação por parte do agronegócio do vocabulário agroecológico, para vender uma imagem de ecologicamente correto e convencer a população de que é possível humanizar o capitalismo. Tais tentativas são questionadas por Alberto Acosta, quando indaga

[...]será possível e realista implementar outro ordenamento social dentro do capitalismo? Estamos falando de um ordenamento social fundamentado na vigência dos Direitos Humanos e dos Direitos da Natureza, inspirado na reciprocidade e na solidariedade. Dentro do capitalismo, isso é definitivamente impossível. (ACOSTA, 2016, p. 33).

Assim, é possível depreender que, frente aos desafios que se impõem a este objeto de pesquisa, os caminhos, bem como suas respectivas conclusões não podem ser tomadas como absolutas, isto é, acabadas, pois a própria realidade não o é. Dado o caráter dialético e vivo da realidade investigada, propor uma solução que se conceba enquanto definitiva é negar o próprio desenvolvimento histórico da humanidade.

À guisa de conclusão, é plausível denotar o caráter transformador e permanente que a prática agroecológica pode conferir à educação. Aliadas, estas podem constituir um poderoso

instrumento que atue em favor da libertação das classes oprimidas, constituindo-se, assim, como uma ferramenta essencial presente no arcabouço daqueles que optam por construir um novo mundo e com eles, novas racionalidades, que supere o paradigma economicista e antropocêntrico.

O acesso à uma educação libertadora é fundamental no combate à desigualdade social, e ao desenvolvimento da racionalidade ambiental, uma vez que possibilita a compreensão dos mecanismos sutis dos quais se utiliza o capitalismo para naturalizar a exploração da natureza e do homem. Fora desta perspectiva qualquer projeto político-social, configura-se como assistencialista e boicotador, pois não objetiva *uma busca do equilíbrio entre diferentes setores da economia e a sociedade, o que não se dá sem atacar as causas estruturais da desigualdade*. (SOLÓN, 2019, p. 49).

## CONCLUSÕES

Diante dos desafios que o pesquisador enfrenta para capturar os recortes da realidade que posteriormente irão contribuir para a sua compreensão, ainda que parcialmente, mas indispensável para a superação dos vícios que esta inevitavelmente adquire, é de fundamental importância que o seu aspecto histórico e contraditório(dialético), seja considerado em todas etapas da pesquisa, especialmente no trato com as fontes orais, para que a realidade observada seja fruto de um olhar desprovido de (pré)conceito e juízo de valor, mas que não se configure como uma postura superficial do pesquisador diante do seu objeto de pesquisa. Do equilíbrio entre respeito e dedicação depende a relevância do trabalho realizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* / Alberto Acosta; tradução de Tadeu Breda. 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- CALDART, Roseli Salete (Org.). **Caminhos para transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da Pesquisa Científica*. 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 66ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Materialismo Histórico-dialético: pontos e contrapontos*. In: DALMAGRO, Sandra Luciana. (Org.). *O MST e a Pesquisa - Cadernos do ITERRA*, ano VII - Nº 14 - Novembro/2007.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONDIM, Linda MP; LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. João Pessoa: Manufatura, 2002.
- LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder* / enrique Leff; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PORTELLI, Alessandro et al. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 14, 1997.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2—*A pesquisa científica*.

*Métodos de pesquisa*, v. 1, p. 31, 2009.

SOLÓN, Pablo (Org.). *Alternativas sistêmicas: Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização* / tradução de João Peres - São Paulo: Elefante, 2019.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agroecologia; trabalho; pedagogia.

## **RESUMO**

Em meio ao avanço destrutivo e impiedoso do capitalismo, formas de vida comunitárias estão sendo ameaçadas não apenas com a perda de suas terras, mas com a destruição dos seus saberes tradicionais. O projeto em questão busca compreender como a adoção de princípios agroecológicos pela comunidade de resistência São Miguel, situada no município de Itaiçaba-CE, possui a função pedagógica de valorizar esses saberes, e em que medida esta pedagogia norteia a ação política da comunidade que visa um enfrentamento à lógica produtiva do agronegócio. Nisto, o projeto detém-se em pensar quais os meios utilizados por esta práxis ecopedagógica para criar uma lógica de contraposição à da exploração capitalista, focando a análise na organização do trabalho, na produção agrícola e nas formas de preservação dos recursos naturais do território.